

DA LOUCURA À MEDIUNIDADE. O INSÍLIO EM *NA MÃO DE DEUS* (2012) DE PAULINA CHIZIANE

Autora: Camila Lima Sabino

Orientadora: Renata Flavia da Silva

Doutoranda

RESUMO: Na *Na Mão de Deus* (2012), obra escrita a quatro mãos pela escritora Paulina Chiziane e pela médium natural de Maputo Maria do Carmo da Silva, publicada em 2012, apresenta como tema a árdua trajetória do aflorar da mediunidade da protagonista Alice. Paulina revela que o percurso de Alice é a evocação de um drama próprio repleto de perturbações físicas e psíquicas, momento em que sofreu simultaneamente com o abandono da família, abandono motivado pelos preconceitos cultural e religioso. Assim como nos títulos *Por quem vibram os tambores do além* (2013) e *Ngoma Yethu* (2015), em *Na mão de Deus* (2012), a escritora traz como tema central a espiritualidade tradicional pensada a partir de terminologias e conceitos do espiritismo, do curandeirismo, e de outras dimensões religiosas moçambicanas. A redimensionalização dos papéis dessas religiosidades africanas na contemporaneidade será discutida a partir da obra *A África Insubmissa* (2013) de Achille Mbembe, na qual o intelectual camaronês reflete sobre as diferentes formas de recomposição do cristianismo em conflito com as religiões tradicionais africanas e sobre a insubmissão da religiosidade africana frente às falhas do cristianismo nesse processo de subjugação. O objetivo deste trabalho é, também, perquirir o isolamento em si mesma vivido por Alice, a partir do conceito espanhol *insílio* discutido por Chango Illanéz para tratar o isolamento do indivíduo dentro da própria pátria. Mais do que se exilar em sua própria casa, Alice, personagem construída por Paulina, se exila em seu próprio corpo e mente; e, nesse sentido, podemos dizer que valida um *insílio* no *insílio*. A trajetória gradativa do isolamento de Alice é um caminho para a descoberta de possíveis conjugações: entre as religiosidades ocidentais e tradicionais africanas e os saberes religioso e científico.

PALAVRAS-CHAVE: Religiosidades Moçambicanas, Mediunidade, *Insílio*, Paulina Chiziane

A minha mente escapou-me como brisa à beira mar e percorreu mundos desconhecidos. Vivo com o corpo aqui e a alma noutras paragens. Tenho momentos de total ausência, olho para as estrelas quando anoitece, olho para o horizonte quando o sol nasce, não olho para as pessoas, tenho medo de palavras injuriosas, porque dizem que sou lunática. (CHIZIANE & SILVA, 2012. p.169)

Na Mão de Deus (2012), obra escrita a quatro mãos pela escritora Paulina Chiziane e pela médium natural de Maputo Maria do Carmo da Silva, foi publicada em 2012, pela Carmo Editora. Obra de difícil acesso, apresentando o inusitado da dupla autoria, também inova pelo projeto estético e proposta dentro do conjunto geral das obras da escritora moçambicana composto principalmente por romances: é uma narrativa em primeira pessoa que relata de forma fragmentada as experiências espirituais e psicológicas da personagem Alice, que percorre a árdua trajetória do aflorar de sua mediunidade. A narrativa é entremeada por conversas, sequências de perguntas e respostas, ora entre a personagem e a espírita, ora entre a personagem e a voz do pai já morto; são conversas que explicam as lógicas dos fenômenos espirituais para a personagem e, conseqüentemente, para o leitor. Em entrevista à *Lusa*, jornal português, Paulina revela que o percurso de Alice é a evocação de um drama próprio repleto de perturbações físicas e psíquicas, momento em que sofreu simultaneamente com o abandono da família dado o preconceito cultural e religioso em relação ao que vivia, fato que gerou um grande e negativo impacto no processo como um todo. São palavras de Paulina à *Lusa*: "Não existe margem nenhuma entre a Alice e a Paulina Chiziane porque fui eu que fiquei doente, tive um transtorno mental, baixei na psiquiatria uma semana"¹ e ainda: "A minha família está ligada à cultura ocidental e como todas as famílias julga-se superior.

¹ Disponível em: http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2013/01/escritora-mo%C3%A7ambicana-paulina-chiziane-relata-em-livro-experi%C3%Aancia-de-internamento-em-psiquiatria.html e acessado em: 26/01/2018

Entretanto, elas não têm capacidade para gerir o invisível que é muito bem gerido pelas tradições africanas e asiáticas, algumas delas, e pelo espiritismo"².

A primeira declaração acima segue uma linha de falas contundentes que Paulina vem apresentando aos questionamentos acerca de um certo radicalismo em suas obras. Para a revista Geledés, em 2016, junto à notícia do desejo de parar de escrever, Paulina afirmava:

“...Tal radicalismo pode residir na coragem que tive de denunciar. Mas digo, as histórias que conheço de religiosos e curandeiros, se tivesse que escrever esse livro o mundo iria ruir. Aqueles indivíduos bonitos, no altar, quando a missa é no Domingo, Sexta-feira vão fazer fumaça no curandeiro. Então, porquê esta relação de amor e ódio? Quer dizer, detestamos o curandeiro de dia, mas amamos-lhe à noite”.³

Aliado ao cansaço em relação à desvalorização do público moçambicano, Paulina produziu, há relativamente pouco tempo além de *Na mão de Deus*, outras duas obras que versam sobre saberes espirituais tradicionais moçambicanos. São elas *Por quem vibram os tambores do além* (2013) e *Ngoma Yethu* (2015).

Podemos perceber, a partir dessas publicações, uma permanência da temática central da espiritualidade tradicional pensada a partir de terminologias e conceitos do espiritismo, da relação com os mortos antepassados, das rezas de igrejas ziones, do curandeirismo, ou seja, de outras dimensões religiosas tradicionais para além do cristianismo ocidental. São textos que rompem os paradigmas do gênero textual romance para possivelmente dar azo de forma mais clara às experiências espirituais próprias da autora.

Em prefácio de *Na mão de Deus* (2012), o escritor e jornalista moçambicano Calane da Silva defende que a obra pode ser considerada uma nova literatura. Mesmo declarando não gostar de classificações, a identificação da obra como neo-realismo holístico nos oferece um caminho de análise não condicionante e que se conjuga com o caráter de resistência que o texto encerra já que a principal denúncia é a opressão às diversas formas de saber das cidadanias moçambicanas reconfiguradas pós-epistemicídio colonial na contemporaneidade. Calane rechaça, portanto, qualquer análise que trilhe o caminho da narrativa psicológica ou do realismo mágico e, se colocando em tom de manifesto, confirma uma literatura

² Disponível em: http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2013/01/escritora-mo%C3%A7ambicana-paulina-chiziane-relata-em-livro-experi%C3%Aancia-de-internamento-em-psiquiatria.html e acessado em: 26/01/2018

³ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/paulina-chiziane-nao-volto-escrever-basta/> e acessado em: 26/01/2018

multidimensional preconizadora de grandes descobertas do funcionamento da mente e da mundividência bantu.

Localizada a obra na estética de Paulina Chiziane, queremos nesse trabalho, perquirir como tema o isolamento em si mesma de Alice, nos utilizando do conceito de *insílio*, termo espanhol que designa estranhamento dentro da própria pátria, discutido no artigo *Alter-idade em casa. O exílio interno no romance moçambicano* (2016), pelo Professor Nazir Ahmed Can na ocasião de seu estágio de pós-doutorado sob a supervisão da Professora Rita Chaves. O artigo trata, em linhas gerais, da prática e da representação do exílio no interior do próprio território por parte de autores moçambicanos; e da representação literária desse exílio interno como possíveis respostas às situações de incomunicabilidade social por que passam. Tal “geografia de insílio”, expressão própria do Prof^o Nazir, media uma leitura crítica do lugar que ocupam os escritores no tempo presente, por vezes evidenciando a insatisfação com a ideologia dominante, e, por outras, denunciando as mazelas vividas nos espaços excluídos. Mais do que se exilar em sua própria casa, Alice, personagem construída por Paulina, se exila em seu próprio corpo e mente; e, nesse sentido, podemos dizer que valida um insílio no insílio. Pois é em seu interior que as disputas entre vozes de outros mundos acontecem, são lutas que disputam sua vida, sua autonomia, sua saúde. Por vezes, os embates se fazem a despeito de sua participação no espaço do invisível mental. Alice caminha entre a loucura e a mediunidade e recebe cuidados de psiquiatras, que veem a experiência de forma científica, de um pastor mazione e da espírita, que legitimam a vivência como espiritual. O texto ensaia um consenso entre as possibilidades de cura e por diversas vezes vislumbra a necessidade da união dos diferentes saberes para o benefício da vítima. Nesse ponto, podemos pensar a negociação entre os saberes científico e religioso a partir da ecologia de saberes proposta por Boaventura de Sousa Santos, um dos pensamentos originários do complexo teórico intitulado por Epistemologias do Sul. Em palavras do sociólogo:

Trata-se do conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão dos saberes levada a cabo, ao longo dos últimos séculos, pela norma epistemológica dominante, valorizam os saberes que resistiram com êxito e as reflexões que estes têm produzido e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos. (SANTOS e MENESES, 2010, p. 11)

A conjugação dos saberes científico e religioso na obra de Paulina interpela por essa horizontalidade de conhecimentos por assumir a negligência da reconstituição dos saberes oprimidos pela supremacia ocidental durante a servidão colonial. Assunção que denuncia a necessidade da discussão científica, política e intelectual das reconfigurações religiosas do moçambicano na contemporaneidade, sobretudo.

Narrativa autodiegética, Alice parte de relatos de momentos de prazer e fraternidade entre seus familiares quando o tio mais velho da família passa por uma enfermidade, e é curado com a ajuda dos membros familiares. Nesse momento, contrastando com os seguintes, a casa de Alice está povoada pela família em época de festas de fim de ano. A personagem escuta a fala da primeira voz em sua cabeça, mas duvida estar vivenciando uma experiência metafísica. Até que, em uma crescente, as vozes começam a aparecer:

De repente houve uma descarga de vozes que atingiam a minha cabeça como ondas de rádio ouvidas apenas por mim. Falavam em várias línguas, mas as dominantes se expressavam em inglês. – you are one of us!, you shine! We are killing you now! – És das nossas, tu brilhas. Nós estamos a matar-te, agora! (CHIZIANE & SILVA, 2012, p.25)

Com as vozes, a personagem experimenta sensações físicas e psicológicas que a excedem e acredita que sua cura está ligada primordialmente a sua família, sente a necessidade de ouvir dos mais velhos algo relacionado aos antepassados, de ter a compreensão das irmãs e do tio Lima, o tio mais velho.

Apesar da minha debilidade mental, mandei a mensagem para os meus irmãos com o seguinte teor: Não sei o que se passa comigo, oiço vozes na mente. Alguém me disse que eram vozes dos espíritos. Depois de enviar a mensagem eu fiquei satisfeita. Os meus irmãos viriam, com certeza. Somos uma família unida e a minha situação exige a presença dos adultos. (CHIZIANE & SILVA, 2012, p.43)

No entanto o que ocorre entre os familiares é um afastamento total liderado pelo próprio tio- avô que afirma que ouvir vozes e ter visões não provinha da família paterna. Além das perguntas e respostas, a narrativa é entrecortada por cartas de Alice aos seus familiares suplicando ajuda e expondo seu espanto em relação ao abandono da família. Uma delas endereçada a um dos tios é respondida da seguinte forma: “*em nome da minha família,*

da minha esposa e das minhas filhas eu declaro que não tenho a ver com o teu problema”. (CHIZIANE & SILVA, 2012, p. 45) Na carta, a protagonista rememora momentos difíceis de outros familiares e argumenta que precisa ser compreendida e não excluída. A fala de uma irmã é emblemática do pensamento da família como um todo:

Estás possuída pelo demônio porque não vais à missa – lamentava Safira. Deves voltar a ir à missa. Tens uma bíblia aqui em casa? (...) Se estás assim é por culpa tua, nunca quiseste saber da igreja para nada. Se fosse à igreja, nada disto te acontecia. Vamos orar por ti para que Deus te abençoe e o diabo se afaste. (CHIZIANE & SILVA, 2012, p. 52)

Alice segue se lamentando pelo abandono da família, se sente sozinha e excluída. No entanto, ao mesmo tempo em que o insílio é forçado e doloroso também é, gradativamente, reconhecido como necessário para a compreensão dos fenômenos, para o amadurecimento no silêncio e na solidão. Nesse mesmo episódio, as irmãs iniciam rezas em voz alta que acabam por disputar com as vozes na cabeça de Alice o que a leva a clamar: “ – Calem-se um pouco, irmãs, peço silêncio, deem-me silêncio, preciso de silêncio!” (CHIZIANE & SILVA, 2012, p.63)

Alice tenta encontrar conforto no tio mais velho, mas recebe palavras que constataam um conluio entre os familiares: “...o teu estado tem a ver com essas tuas ideias de ser curandeira. Nunca houve curandeiros na família, somos todos cristãos, se tu escolheste curandeirices, segue sozinha a tua estrada, nós não te aceitamos.” (CHIZIANE & SILVA, 2012, p.63)

O estado de desterro se confirma em palavras da protagonista: “...Chorei copiosamente. Era a única coisa que podia fazer naquele instante. Comecei a olhar para a solidão como minha próxima realidade. A porta da fronteira se fechava e estava a ficar fora do círculo da família onde me julgava querida.” (CHIZIANE & SILVA, 2012, p. 64)

A tristeza pela exclusão decidida pela família fortalece a influência das vozes que em determinado momento comandam que Alice se suicide e, apesar de ser salva por outras vozes, a descrição de seu estado demonstra a sensação de abandono e de vazio:

Ficava sentada no cadeirão da minha varanda, completamente destituída de existência. Os dias, as semanas e os meses passavam por mim e me encontravam sempre na mesma posição. Já não lutava e deixava-me levar

sem resistência como uma folha morta flutuando nas ondas. Para onde ia?
(CHIZIANE & SILVA, 2012, p. 71)

A relação com as vozes vão se afinando, o contato com espaços de conhecimento como a Comunhão Espírita Cristã de Moçambique ou a igreja zione levam a personagem a se fortalecer e a compreender as intenções das diversas vozes em sua mente.

Não obstante, a solidão do insílio acaba sendo gradativamente positivada e a personagem inclusive passa a ter um certo afeto pelas vozes mais presentes como evidencia a passagem:

Sou refém das vozes. Dois anos depois do tratamento muita coisa mudou, mas as vozes continuam. Julgo que, a ausência de uma conversa adulta com os membros da família faz com que as vozes sejam senhoras absolutas da minha vida. Eles torturam-me é verdade, mas nas horas mais profundas de solidão, compadecem-se de mim e se transformam na minha melhor companhia. Contam-me histórias me fazem explodir de tanto rir a ponto de esquecer que do meu lado, não existe ninguém para além de mim.
(CHIZIANE & SILVA, 2012, p. 85)

É no bojo dessa relação com as vozes que Alice recebe mensagens de familiares antepassados, o pai morto se declara seu anjo da guarda, inclusive. As mensagens falam de seu papel e dom de médium, da sua missão de ser o elemento intermediário entre os mortos antepassados e os familiares vivos. Como uma espécie de preparação, a personagem é estimulada a compreender o abandono da família e a buscar formas de reestabelecer contatos.

Os diálogos entre pai e filha passam a ser constantes: “(A) E para que serve um médium? (P) Para mediar os dois mundos: o visível e o invisível. Para trazer mensagens dos mortos para o mundo dos vivos”. (CHIZIANE & SILVA, 2012, p.144)

Os espaços além vão se tornando cada vez mais palpáveis para Alice. O pai explica: “Oh, Alice! Daqui vemos outras estrelas. Outros sóis. Outras cidades e vilas que os nossos olhos humanos nunca viram. Vemos cidades flutuantes sobre rios e mares. Vemos paisagem com novo colorido da natureza inteira...” (CHIZIANE & SILVA, 2012, p. 144)

Em capítulo intitulado por “No além?!...”, Alice relata uma viagem para um plano astral onde se encontram pai e avô. É interessante nesse ponto da análise, trazer o insílio pensado por Illánéz e discutido pelo Prof^o Nazir no artigo supracitado: “Enquanto expressão de uma identidade vulnerável, o insílio é uma memória reprimida, a cultura de uma

consciência em perda” (CAN, 2016, p. 80). Tal assertiva descreve a condição de Alice porque traz à baila a exposição dos elementos tradicionais da cosmovisão bantu que foram negativados pela igreja cristã, um dos pilares da colonização. Aprofundando a discussão, podemos compreender que o embate entre o cristianismo ocidental, bem localizado na obra como instrumento de dominação colonial, e as formas religiosas de interpretação das vivências espirituais da personagem e a sua cura trazem à luz a potencialidade política e social que o sagrado assume no espaço moçambicano.

Em *A África Insubmissa* (2013), o intelectual camaronês Achille Mbembe, após prefácio que sintetiza o cerne do aprofundamento da discussão central da obra: as diferentes formas de recomposição do cristianismo em conflito com as religiões tradicionais africanas e a insubmissão da religiosidade indígena⁴, fala, ao longo da obra da importância social do sagrado no território africano e da necessidade de sua redimensionalização dado o suposto apagamento das religiões tradicionais das sociedades africanas bem como das falhas do cristianismo em suas tentativas de submeter religiosamente todo o território africano e constata:

A lógica cristã é uma lógica imperial na medida em que engloba sob a mesma esfera a construção de conceitos organizadores deste mundo e do outro com um imaginário do poder, da autoridade, da sociedade, do tempo, da justiça e do sonho, em suma, da História e da sua derradeira verdade. (MBEMBE, 2013, p. 27)

Na esteira de pensamento de Mbembe, faz-se importante pensar nos resultados políticos da ação religiosa no espaço africano, uma vez que é papel da resistência das religiões tradicionais – através inclusive de uma reconfiguração do cristianismo – legitimar outras ideias sobre poder e autoridade e, conseqüentemente, colocar em questão a suposta supremacia ocidental colonial, através da imposição cristã. O intelectual ressalta a capacidade das sociedades escravizadas, sempre colocando a permanência contemporânea do processo colonial e dos efeitos atuais da servidão, de reajustar e recompor os próprios campos simbólicos e religiosos que estariam completamente perdidos, afirmando que a religião não está imune à mudança. Em *Na mão de Deus*, esses reajustes e recomposições são situados

⁴ Achille Mbembe esclare que usa o termo indígena para designar o africano atual que ainda é o não-sujeito da época colonial permanente, para o filósofo, em alguma medida, até os dias atuais.

pela narradora através da percepção das frestas construídas entre o cristianismo ocidental e outras dimensões do religioso. A relação com o espiritismo, principal religião de cura da narradora e os esclarecimentos feitos pelo pastor zione acerca do que é a igreja zione são exemplos importantes. Em palavras do pastor:

- Muitos de nós fomos antes de outras igrejas. Expulsaram-nos por causa das manifestações espíritas que julgaram diabólicas, o que está errado, porque até na Bíblia os mortos ressuscitam e falam. Por isso fundamos a nossa igreja, porque para crer em Deus, não precisamos abandonar os espíritos nem as crenças dos nossos antepassados. Para entrar no reino dos céus não precisamos de abandonar a nossa cultura, nem as plantas com que curamos a nossa gente. Nós rezamos e curamos com o espírito de Deus, de Cristo e dos nossos antepassados. A tradição constitui a base da nossa teologia. (CHIZIANE & SILVA, 2012, p. 118)

O reconhecimento de uma teologia própria e a reordenação do vetor cristão estão presentes na explicação do pastor zione e relativizam as intenções de universalização próprias do cristianismo como instrumento colonial, fornecendo outra “verdade” que importa reconhecer bem como a seu resultado tal qual afirma Achille Mbembe.

Na mão de Deus (2012), portanto, tem papel reivindicatório em seu cerne. A representação do insílio que denuncia o desconforto no seio da própria família mais do que na própria pátria, é motor de escrita que evidencia a relação entre o autor e sua condição no processo político e social do país, minimizado na instituição família.

O conforto de Alice está no espaço além interior ou como a personagem mesmo nomeia espaço ulterior. A descrição de seu estado nesse espaço pereniza essa leitura:

De repente fui invadida por uma sensação de leveza extraordinária, que não sei definir. (...) Os olhos se abriram para uma nova visão e a paisagem habitual se eclipsara. Comecei a ver uma aldeia antiga, no meio rural. Eu estava lá, nessa aldeia sentada numa esteira. (...) Via o grande quintal: o ambiente era muito natural, com palhotas, árvores e flores de uma beleza surpreendente que não podia pertencer ao plano terreno. (CHIZIANE & SILVA, 2012, p. 127)

E é nesse espaço que a protagonista encontra o pai e o avô. Tal encontro revigora a personagem e o retorno ao ambiente e à vida terrenos acaba por se tornar um suplício: “Vi-me de novo o meu quarto, sentada na cadeira de onde não saíra. Fiquei triste. Tinha

regressado à terra para suportar julgamentos do mundo.” (CHIZIANE & SILVA, 2012, p.132)

E complementa:

O além é um lugar de humanidade, onde não preciso de disfarçar as minhas doenças, as minhas fraquezas, para que ninguém descubra. Estar no além é como receber uma brisa suave de harmonia no mundo. Vivi ali instantes de proteção e segurança enquanto neste mundo me sinto só! (CHIZIANE & SILVA, 2012, p. 133)

Na solidão, agora plena de experiências, Alice representa o desbloqueio do compósito cultural tradicional bantu familiar e disponibiliza, através de uma estética textual eminentemente argumentativa, os caminhos para colocar em trânsito as tensões tradicionais e contemporâneas da religiosidade supostamente apagada pela igreja cristã, instrumento de colonização espiritual para além de epistêmica. E em tom informativo, Alice é capaz de reverberar positivamente a experiência do insílio, além de mostrar a necessidade do rompimento com as autoridades cristãs que norteavam as atitudes dos familiares:

Na solidão ganhei a consciência de mim e de todos os meus passos. Na solidão fiquei livre das diferentes autoridades que podiam colocar barreiras no território do meu espírito. Foi na solidão que percorri o meu horizonte interior e ulterior, recobri a serenidade, a liberdade. Na solidão me tornei única. Aprendi a enxugar as minhas lágrimas na calma do meu silêncio, a procurar-me e a encontrar-me sem a ajuda da família. A minha solidão já não é negra nem vazia, mas ocupada pela experiência (CHIZIANE & SILVA, 2012, p. 195)

A trajetória interna e espiritual percorrida pela narradora representa um ciclo social. O lugar de médium ou intermediária evidenciam ainda a necessidade de trazer à consciência a força política do sagrado para a sociedade através da independência e autonomia que tal experiência espiritual a constroem enquanto sujeito moçambicano que desconstrói o absoluto ocidental. Em carta ao tio, Alice revela a possibilidade do reencontro entre a experiência individual e social e a capacidade de transformar o título de louca recebido pela família a símbolo de novas energias fortalecedoras do espírito, espírito moçambicano por excelência:

Tenho a dar o exemplo da minha tragédia, a minha experiência da minha doença, recuperação, solidão e contemplação. Não quero estar isolada.



Quero participar da consolidação do edifício familiar. Ainda há tempo de recuperarmos a unidade que se desfaz. Diz a toda a família, tio Lima, que o acto de se aproximarem de mim, permite-lhes contemplar o novo, o desconhecido, que cria novas energias e fortalece o espírito. (CHIZIANE & SILVA, 2012, p. 171)

REFERÊNCIAS

- CAN, NA. *Alter-idade em casa. O exílio interno no romance moçambicano*. Rio de Janeiro. Revista Mulemba 8, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/4324> Acessado em: 26/01/2018.
- CHIZIANE, Paulina & DA SILVA, Maria do Carmo. *Na mão de Deus*. Moçambique: Carmo Editora, 2012.
- MBEMBE, Achille. *África Insubmissa. Cristianismo, Poder e Estado na sociedade pós-colonial*. Portugal: EDIÇÕES PEDAGO LDA, 2013.
- SANTOS, Boaventura de Sousa & MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.
- SILVA, Maria do Carmo da & CHIZIANE, Paulina. *Na mão de Deus*. Maputo: CARMO EDITORA, 2012